

FÉ *para* HOJE

Comprometida com a Fé que foi entregue aos santos.

Número 5

Ano 2000



Fé *para* *Hoje*

Fé para Hoje é um ministério da Editora FIEL. Como outros projetos da FIEL — as conferências e os livros — este novo passo de fé tem como propósito semear o glorioso Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a salvação de almas perdidas.

O conteúdo desta revista representa uma cuidadosa seleção de artigos, escritos por homens que têm mantido a fé que foi entregue aos santos.

Nestas páginas, o leitor receberá encorajamento a fim de pregar fielmente a Palavra da cruz. Ainda que esta mensagem continue sendo loucura para este mundo, as páginas da história comprovam que ela é o poder de Deus para a salvação das ovelhas perdidas — “Minhas ovelhas ouvem a minha voz e me seguem”.

Aquele que tem entrado na onda pragmática que procura fazer do evangelho algo desejável aos olhos do mundo, precisa ser lembrado que nem Paulo, nem o próprio Cristo, tentou popularizar a mensagem salvadora.

Fé para Hoje é oferecida gratuitamente aos pastores e seminaristas.

Editora Fiel
Caixa Postal 1601
12233-300 - São José dos Campos, SP

www.editorafiel.com.br

Conteúdo

O Principal Objetivo de Deus	1
<i>James M. Renihan</i>	
A Solene Responsabilidade Pastoral	4
<i>John Shaw</i>	
Um Ministério Fiel	5
<i>Robert Murray McCheyne</i>	
Santificação	10
<i>J. C. Ryle</i>	
Regeneração	11
<i>Asahel Nettleton</i>	
Uma Palavra aos Pais	19
<i>A. W. Pink</i>	
A Luz Divina	24
<i>Jonathan Edwards</i>	
O Arrependimento Ineficaz	25
<i>Jim Elliff</i>	
AIDS! Uma Chamada ao Arrependimento	30
<i>Conrad Mbewe</i>	
Cristianismo Fácil	32
<i>Samuel Waldron</i>	

O Principal Objetivo de Deus

James M. Renihan

Enquanto estava assistindo televisão, em certa noite, deparei-me com o que posso chamar de um espetáculo cristão, apresentado por um famoso evangelista de uma megaigreja. Foi uma produção realmente impressionante. No centro do palco havia uma “árvore de natal viva”, ou seja, um grande coral estava disposto no formato de um pinheiro, em oito ou nove degraus, por coristas vestidos de túnicas brancas. Em frente a esta grande estrutura, dois habilidosos cantores, um homem e uma mulher, entoavam números espetaculares, frequentemente acompanhados por uma companhia de danças (homens e mulheres) ou às vezes por um coral infantil. A qualidade da produção era excelente, tanto em termos de cenário quanto de talentos e de apresentação televisiva. Hollywood ou Las Vegas não poderiam ter feito algo melhor.

O final foi especialmente impressionante. Todos juntos apresentaram uma interpretação em esti-

lo swing do “Aleluia” de Handel. Um coral saiu caminhando pelos corredores do público, enquanto os dançarinos (que rapidamente vestiram túnicas brancas) cercavam a árvore de natal. Os dois cantores principais colocaram-se ao centro do palco, no meio dos dançarinos, e todos balançavam o corpo de um lado para o outro, acompanhando o ritmo da música. O coral e os dançarinos entoaram várias partes do “Aleluia”, enquanto solistas improvisaram alguns slogans inspirativos, inserindo-os em vários trechos da interpretação. Quando a música chegou ao seu clímax, do teto foram soltos muitos balões, e fogos de artifício explodiram do palco. Todos os participantes desfrutaram de um tempo bastante agradável.

Devo mencionar que houve uma tentativa de se pregar uma mensagem, um pouco antes do final. Um homem levantou-se (não sei quem era ele), dirigiu-se ao auditório e declarou que o tema daquela noite era “Ele [referindo-se a Deus] fez tudo

por você”. Todas aquelas músicas e danças eram simplesmente uma celebração do fato que o Natal era uma demonstração do supremo propósito de Deus, ou seja, que homens e mulheres, rapazes e moças tivessem uma vida boa e feliz, agora e para sempre. O homem (não posso chamá-lo de pregador) tomou apenas cinco minutos para apresentar sua mensagem e, em seguida, disse aos seus ouvintes que Deus esperava que eles O invocassem, a fim de terem um relacionamento com Ele. Isto foi acompanhado por uma interessante tática evangelística. Aquele homem gentil anunciou ao

*Tudo naquela noite
foi idealizado
para fazer um
apelo às emoções
do auditório.*

auditório que iria fazer uma oração e desejava que todos em voz alta orassem juntamente com ele. Instruiu as pessoas, dizendo-lhes que pronunciaria uma frase e queria que elas a repetissem com seus próprios lábios. Em seguida, todos foram orientados a curvar suas cabeças e fechar seus olhos, e ele os conduziu em uma oração nestas palavras: “Querido Jesus, obrigado por teu amor por mim. Compreendo que necessito de Ti. Venha para minha vida e salve-me. Em nome de Jesus, amém!” Logo que a oração foi concluída, as luzes se apagaram e, num instante, começou o final do espetáculo. Foi emocionante.

Enquanto assistia o espetáculo, sentia tristeza em meu coração. Quanto mais a assistia, tanto mais percebia que aquela produção era exatamente o oposto de tudo que eu

entendia das Escrituras. O programa terminou com um breve tempo de compartilhar. Compreendi que, se o homem que tentou pregar tivesse escrito o Breve Catecismo, a primeira pergunta e resposta teriam a seguinte redação: “Qual o principal objetivo de Deus? O principal objetivo de Deus é glorificar os homens e alegrar-se neles para sempre”. Em um estilo atraente, este homem havia

indicado que o evangelho centraliza-se no homem; o evangelho não fala sobre uma Divindade ofendida e irada, que exige propiciação como resultado dos pecados dos homens; pelo contrário, Deus nos

espera ansiosamente, a fim de satisfazer as necessidades de nossa vida. Tudo naquela noite foi idealizado para fazer um apelo às emoções do auditório. Os dias de Natal são uma época de muitos sentimentos, e aquela igreja estava espalhafatosamente se beneficiando deste fato para apresentar o evangelho com uma roupagem bastante atraente. Poderia alguém ficar ofendido com uma mensagem desse tipo?

Recordei as palavras do apóstolo Paulo acerca da loucura da pregação. Do ponto de vista humano, não há dúvida de que a abordagem utilizada naquela apresentação foi um imenso apelo às massas. As pessoas se mostram dispostas a participar de eventos dessa natureza, visto que são confortáveis, produzem muito entretenimento e exigem somente a observação da audiência. Tudo que

as pessoas têm de fazer é permanecer sentadas e desfrutar do suntuoso espetáculo de cores, sons e movimentos. Porém, de que maneira todas estas coisas estão relacionadas à pregação do evangelho? Esse é o tipo de evangelismo que encontramos na Bíblia?

Às vezes, depois de ter pregado na igreja, tenho descido do púlpito sabendo *exatamente* o que Paulo estava dizendo, quando se referiu à “loucura da pregação”. Tenho questionado porque Deus escolheu este método, em especial numa cultura que aparentemente não se concentra em um assunto por mais de cinco minutos. Todavia, isto é o que ele tem feito, e a pregação é o método que temos de utilizar. Deus promete abençoar a ousada proclamação de sua Palavra, da ofensiva cruz de Cristo, das ameaças da Lei de Deus e do bálsamo do evangelho anunciado por homens escolhidos por Ele. Não é o palco e sim o púlpito que deve estar no centro de nosso evangelismo.

Há dois problemas nesse tipo de apresentação: o método e a mensagem. É evidente que a mensagem ali apresentada não era o evangelho de Cristo. Embora estivesse camuflada com uma linguagem religiosa, evangélica, era uma mensagem perniciosamente diferente. A pregação da cruz não é uma suave e premeditada tentativa de manipular homens e mulheres a fim de levá-los

a um relacionamento com o Deus todo-poderoso. Pelo contrário, a pregação da cruz humilha-os, quando eles compreendem sua desesperadora situação como pecadores e começam a perceber a grande provisão de Deus em Cristo. O método do apóstolo Paulo não tinha um apelo popular. Por vezes, resultou em prisão, açoites e apedrejamento. No entanto, era o poder para a salvação. Não podemos abandoná-la, por causa dos caprichos da cultura popular. Ao contrário, precisamos nos engajar em pregá-la cada vez mais. Espetáculos desse tipo devem nos motivar a fazer, com vigor ainda maior, aquilo para o que fomos chamados por Deus — pregar o evangelho a homens e mulheres. Existe uma vantagem no velho método — Deus prometeu abençoá-lo.

Confiando no Espírito Santo, resistamos às tendências que nos cercam e proclamemos, com ousadia, que homens e mulheres estão perdidos, são ímpios e estão condenados. Mostremo-lhes que são inimigos de Deus. Acima de tudo, devemos falar-

*Quanto mais a assistia,
tanto mais percebia que
aquela produção era
exatamente o oposto
de tudo que eu entendia
das Escrituras.*

lhes sobre o Senhor Jesus Cristo, pregando a respeito de sua obediência ativa e passiva. Devemos proclamar seu amor e misericórdia. Convidemos os pecadores a prostrarem-se e sujeitarem-se ao Filho de Deus.

Assistir aquela apresentação foi bom para mim. Aprofundou meu

compromisso de fazer a obra de Deus de acordo com o método dEle — pregar o evangelho. Prefiro o Breve Catecismo assim como ele está: nós existimos para glorificar a Deus e não vice-versa.

A Solene Responsabilidade Pastoral

John Shaw

Tremenda e solene é a responsabilidade que estás prestes a receber. A obra que está diante de ti é pesada e importante. A consequência, tanto para ti mesmo quanto para os teus ouvintes, deve ser levada a sério e haverá de ser feliz ou triste, à medida em que fores fiel ou infiel diante desta obra, à medida que fores achado ou não achado um pastor de acordo com o coração de Deus. Portanto, permite-me admoestar-te e rogar que, na linguagem do apóstolo em 1 Timóteo 4.16, tenhas *“cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes”*. A obra que tens diante de ti é grandiosa, árdua e muito importante. Tu foste chamado para fazê-la em uma época e lugar em que podes esperar grandes dificuldades e talvez provações incomuns. Mantém teus olhos fixos em Cristo. Permite que as seguintes promessas e declarações dEle sejam o teu encorajamento: “Eis que estou convosco todos os dias; A minha graça te basta”.

Querido irmão, chegará o momento em que nós dois teremos de comparecer numa assembléia imensamente mais solene e augusta, perante Deus e Cristo, e seremos examinados para determinar se fomos pastores de acordo com o coração de Deus ou não. Que o bom Senhor permita que tu e eu obtenhamos misericórdia e graça para sermos achados fiéis; e que, quando o Supremo Pastor vier, recebamos a imarcescível coroa de glória. Amém.

Um Ministério Fiel

Robert Murray McCheyne

“Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.”

(2 Coríntios 4.1-6)

Queridos amigos, hoje faz cinco anos que comecei o meu ministério entre vocês, neste lugar. É bom que agora, na presença de Deus, vejamos como progredimos nestes anos. Vamos observar:

1. Todos os fiéis ministros do evangelho proclamam a Cristo Jesus como Senhor.

“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como

Senhor” (v. 5). Ora, há duas coisas implícitas nesse tipo de pregação.

a. *Não pregamos as imaginações de nossas mentes, mas a verdade sobre a pessoa de Cristo.*

Muitos homens pregam a si mesmos e suas próprias teorias. Ainda antes da época dos apóstolos isto acontecia: muitos ensinavam as suas próprias imaginações. Mas, quando os apóstolos surgiram, pregaram de

maneira diferente. João Batista testemunhou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29). De forma semelhante, os apóstolos disseram: “E nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém; ao qual também tiraram a vida, pendurando-o no madeiro” (At 10.39). E lembramo-nos de Felipe, que desceu a Samaria e “anunciava-lhes a Cristo” (At 8.5). Foi exatamente isso que o apóstolo João afirmou em sua primeira carta: “O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa

comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo” (1.3). Este é o início, o meio e o fim de um ministério de pregação do evangelho.

Olhando para os cinco anos de nosso ministério, acho que posso colocar a mão sobre o coração e humildemente pensar que tenho feito isso durante esse tempo. E por que devemos fazer isto? Porque o evangelho é a mais vivificante mensagem do mundo.

Em certa noite, estava passando ao lado de uma casa e ouvi um homem pregando, um homem que parecia demonstrar sinceridade. Parei e escutei — ele estava pregando sobre leis e política. Observei que um homem pode pregar até mesmo sobre o dia do juízo, mas ele nunca torna as pessoas santas. Mas, nós pregamos

a Cristo Jesus como Senhor, para que vocês tornem-se santos.

b. *Não pregamos a nós mesmos, e sim a pessoa de Cristo.*

Creio que todos os ensinadores mundanos pregam a si mesmos; mas este não deve ser objetivo de ministros fiéis. É a Cristo Jesus, o Senhor, que devemos louvar e não aos homens.

Novamente, considerando nosso ministério até agora, podemos afirmar que, embora tenha cometido tantas faltas quanto outros homens, eu não continuaria no ministério do evangelho por mais um dia sequer, se o fizesse apenas por causa de um título. Mas, se pertencemos a Cristo, Ele

nos fará pregar a respeito de sua própria pessoa.

Às vezes, sinto que estaria disposto a ser morto, esquecido e desprezado, se tão-somente vocês se tornassem amigos de Cristo.

2. A pregação de todo fiel ministro do evangelho flui de sua experiência pessoal de conversão.

“Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4.6). Queridos amigos, existem muitos ensinadores (acredito que são bem-intencionados) que não pregam com base em sua própria experiência; foram colocados no ministério do evangelho, mas não conhecem a

*Às vezes, sinto que
estaria disposto a
ser morto, esquecido
e desprezado,
se tão-somente
vocês se tornassem
amigos de Cristo.*

Cristo. À semelhança de Balaão, falam sobre uma estrela que jamais viram (Nm 24.17). Este não era o caso de Paulo: Deus havia resplandecido em seu coração. E observem o que ele recebeu: a “iluminação do conhecimento da glória de Deus”. Não foi uma contemplação de Cristo com olhos carnaís. Muitos que viram a face do Senhor Jesus estão lamentando no inferno. O que Paulo recebeu? Deus outorgou-lhe um verdadeiro, divino e espiritual conhecimento do poder, amor e beleza de Cristo, a fim de que ele, Paulo, pregasse somente o Senhor Jesus. Oh! amados, foi isto que capacitou o apóstolo a pregar aos gentios as “insondáveis riquezas de Cristo”. Foi isto que o fez permanecer sem temor diante de Nero.

Queridos amigos, vocês podem dizer que Deus resplandeceu em seus corações? Observem onde se inicia a conversão. Ela procede de Deus, que ordenou resplandecesse a luz onde havia trevas. Houve uma época quando o mundo era um caos. O que poderia trazer luz ao mundo naquela situação? Uma serena voz disse: “Haja luz”; e a luz passou a existir. O mesmo ocorre na conversão: “Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Vocês podem dizer isto? Se não, ainda se encontram nas trevas.

Oh! amados, orem para que

ministros fiéis preguem como resultado de sua própria experiência com o Senhor. Somente aqueles que vêem a Cristo são capazes de fazê-Lo conhecido. Somente quando a água viva está fluindo, podemos falar sobre o seu poder santificador. Orem, então, para que tenhamos ministros fiéis.

3. A maneira como o ministro fiel prega.

“Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos” (v. 1).

a. *Pregamos sem desfalecer.*

Há muitas coisas que tendem a desanimar um ministro do evangelho. O homem natural não é capaz de suportar o que os fiéis ministros do evangelho suportam. A reprovação da parte do mundo é uma das coisas que tende a nos desanimar. Você recorda como as pessoas qualificaram nosso Senhor; chama-

ram-no de “bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11.19). Estas são palavras desagradáveis. Não conheço nada mais difícil de suportar do que a reprovação dos homens mundanos e abastados. Eles inter-

Outra causa de desânimo é ver muitas pessoas que permanecem na igreja mas vivem como incrédulos.

pretam como condenação todos os nossos esforços para salvá-los. Também desfalecemos quando pessoas abandonam nosso ministério, quando voltam para trás e não mais andam com Jesus. Outra causa de desânimo é ver muitas pessoas que permanecem

na igreja mas vivem como incrédulos. Amados, estas são coisas que tendem a nos fazer desanimar...

Com freqüência tenho me sentido como se estivesse em terra firme e ouvisse um navio chocar-se contra as rochas; tenho gritado que existe um salva-vidas, mas as ondas o levam para longe. Quantas pessoas tenho visto se perderem desta maneira. Sim, amados, isto é suficiente para arrasar o ânimo de alguém. Também ficamos desanimados quando vemos que

alguns de vocês assemelham-se aos solos rochosos. Apesar de tudo isso, não desfalecemos. E sabem por quê? Pregiar é muitíssimo agradável. Juntamente com Henry Martin, podemos dizer: “Estou disposto a pedir esmolas durante seis dias, para que tenha a oportunidade de pregar no sétimo”.

b. *Todo ministro fiel prega com santidade.*

“Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam” (v. 2). Existem ministros do evangelho que em seu exterior são corretos, mas em seu íntimo não possuem essa qualidade. No entanto, este não foi o caso de Paulo. Creio que não podemos pregar se temos um coração mau; porém, já fomos à fonte e ali nossos corações foram lavados; nós temos rejeitado as coisas

ocultas e desonestas. Oremos por ministros fiéis.

c. *Pregamos não utilizando astúcia.*

“Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus” (v. 2). A Palavra de Deus é confrontadora. Tenho receio de que muitos ministros do evangelho a utilizam enganosamente, não levando as pessoas a

verem sua própria situação. Muitas vezes os melhores pregadores fazem isso! Oh! Amados, oremos para que levemos nossos ouvintes ao mesmo ponto a que Paulo conduziu aqueles para os quais pregava.

4. Muitas pessoas se perderão eternamente, embora estejam sendo abençoadas pelo ministério de pregadores fiéis.

“Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (vv. 3-4). Destas palavras, você reconhecerá que muitos dos ouvintes de Paulo estariam perdidos, e assim aconteceu com eles. Quando Paulo chegou a Icônio, a cidade ficou dividida: uma parte estava a favor dos apóstolos, outra, a favor dos judeus (At 14.4).

Qual é a nossa experiência? Isto não é verdade em nossa congregação? Alguns já creram, mas outros não. Por quê? Porque Satanás cegou a sua mente, para que a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus, não resplandeça sobre você. As concupiscências de seu coração criaram um denso véu para ocultar-lhe a luz do evangelho. E qual será o final? Você estará perdido. Oh! que palavra terrível — alma perdida!

Perdido para os amigos crentes. Eles olharão ao redor das incontáveis hostes de pessoas no céu e você não estará lá. Perdido para Cristo; você não pertencerá a Ele. Perdido para Deus, que dirá: “Este não me pertence”. Ó, amado, se nosso evangelho ainda lhe está encoberto, você será uma alma perdida por toda a eternidade! Todos os anjos não lhe poderão contar a miséria de ser uma alma perdida por toda a eternidade!

A finalidade do púlpito é a exposição da Palavra, e não há necessidade maior do que essa na Igreja atual.

Richard C. Halverson

Se existe algo que a história nos ensina, este ensino é que os ataques mais devastadores desfechados contra a fé sempre começaram com erros sutis surgidos dentro da própria igreja.

John F. MacArthur Jr.

Jamais houve a intenção de que *nossos* esforços cumprissem aquilo que *Deus* nunca decretou.

A. W. Pink

Santificação

J. C. Ryle

A santificação não consiste na casual realização de ações corretas. Antes, é a operação habitual de um novo princípio celestial que atua no íntimo, influenciando toda a conduta diária de uma pessoa, tanto nas grandes quanto nas pequenas coisas. A sua sede é o coração, e, tal como o coração físico, exerce influência regular sobre cada aspecto do caráter de uma pessoa. Não se assemelha a uma bomba de água que só fornece água quando alguém a aciona; mas parece-se mais com uma fonte perpétua, de onde a torrente jorra perene e espontaneamente, com naturalidade. Herodes ouvia João Batista “de boa mente”, ao mesmo tempo em que seu coração era inteiramente mau aos olhos de Deus (Mc 6.20). Por semelhante modo, há dezenas de pessoas hoje em dia que parecem ter ataques espasmódicos de “atos de bondade”, conforme os poderíamos chamar, e que fazem muitas coisas boas sob a influência da enfermidade, da aflição de morte na família, das calamidades públicas ou de alguma súbita agonia da consciência. Contudo, o tempo todo qualquer pessoa inteligente poderá observar claramente que tais pessoas não se converteram e que elas nada conhecem acerca da “santificação”. Um verdadeiro santo, tal como Ezequias (2 Cr 31.21), age “de todo o coração” e poderá dizer, juntamente com o salmista: “Por meio dos teus preceitos consigo entendimento; por isso detesto todo caminho de falsidade” (Sl 119.104).

... Desafio qualquer pessoa a ler cuidadosamente os escritos do apóstolo Paulo para neles encontrar grande número de claras orientações práticas, atinentes ao dever do cristão, em cada relacionamento da vida, e acerca de nossos hábitos diários, de nosso temperamento e de nossa conduta de uns para com os outros. Essas orientações foram registradas por inspiração divina, para orientação perpétua dos crentes professos. Aquele que não dá atenção a essas normas talvez seja aceito como membro de uma igreja ou denominação evangélica, mas certamente não será aquele que a Bíblia chama de homem “santificado”.

Regeneração

Asahel Nettleton

“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.”

(João 1.12-13)

Estes versículos ensinam uma doutrina simples mas importante: aqueles que recebem a Cristo — aos quais foi dado o poder para tornarem-se filhos de Deus e crêem no nome de Cristo — foram nascidos de Deus. Em outras palavras, uma pessoa se torna verdadeiro crente por meio de uma especial aplicação de poder por parte do Todo-poderoso, a fim de mudar seu coração. A expressão “nasceram... de Deus”, frequentemente utilizada pelos escritores do Novo Testamento, expressa linguagem figurada. Sua adequação, quando aplicada às coisas espirituais, resulta da analogia que existe entre o início de nossa existência física e de nossa vida espiritual. Os crentes são filhos de Deus; isto precisa ser entendido em um sentido peculiar. Todos os homens são criados por Deus e dEle recebem suas capa-

cidade naturais; neste sentido todos são filhos de Deus. Mas, quando a Bíblia aplica a expressão “filhos de Deus” aos crentes, para distingui-los das outras pessoas, ela o faz para ressaltar um relacionamento que Deus não tem com os demais seres humanos. E somente Ele é o autor da regeneração, pela qual os crentes se tornam seus filhos e é dito que eles são nascidos de Deus. As Escrituras afirmam que os crentes foram gerados por Deus, em comparação ao relacionamento que existe entre os pais terrenos e seus filhos.

O objetivo destes versículos é mostrar que nosso relacionamento com Deus, como seus filhos espirituais, foi produzido exclusivamente por meio de seu soberano poder. A princípio, estes versículos foram adaptados para oporem-se aos preconceitos carnais dos judeus. A opi-

não comum destas pessoas era que todos os descendentes de Abraão eram herdeiros das promessas divinas e tinham o direito à vida eterna. Este conceito foi consistentemente combatido por Cristo e seus apóstolos. Deixando de lado a tentativa de determinar o significado exato da afirmativa “os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”, observamos que havia três maneiras de pessoas serem consideradas filhos de Abraão: por descendência natural, por meio de

um relacionamento ilícito e por adoção. Independentemente da maneira, os judeus imaginavam que se tornava um filho de Deus aquela pessoa que se tornava filho de Abraão. O bem-conceituado Dr. Lightfoot propôs que o objetivo do apóstolo João era aniquilar as falsas esperanças dos judeus, afirmando que, se alguém havia se tornado filho de Abraão através de alguma destas maneiras, isto não o transformava em filho de Deus. Outro tipo de nascimento é necessário; uma nova filiação, vinda do alto. Era preciso que Deus os fizesse nascer de novo. Qualquer que seja o significado específico destes versículos, a impressão geral e o objetivo específico do escritor sagrado é que todos os outros métodos de alguém tornar-se filho de Deus são falsos e imaginários, exceto o ser nascido de novo. Estas palavras foram escritas para combater as idéias

predominantes naqueles dias, e hoje podemos utilizá-las de maneira semelhante.

Dentre todos os assuntos, aquele que se refere à nossa passagem da morte para a vida com certeza é o mais importante e interessante. Ter idéias claras e definidas sobre este assunto é crucial; errar no que concerne a ele equivale a um perigo terrível. Em certo sentido, todas as coisas pertencem a Deus. Ele é o Criador e Governador de tudo. Todos os poderes e capacidades que um homem possui procedem de Deus. To-

dos os meios da graça e ordenanças espirituais foram instituídas por Ele. Mas, quando as Escrituras falam sobre nascer de novo, elas querem dizer muito mais do que um homem ser influenciado por esses meios da graça e ordenanças espirituais, ao utilizar seus poderes e capacidades naturais. A fim de evitar uma compreensão errada sobre o assunto, afirmei no início que a regeneração é uma obra especial efetuada pelo poder do Todo-poderoso. Os que erram neste assunto jamais tentaram negar abertamente que os crentes são nascidos de Deus, pois isto corresponderia a renunciar toda aparência de confiança nas Escrituras. Eles escolheram um método mais seguro para divulgarem suas opiniões: ao mesmo tempo que preservam as palavras dos autores sagrados, atacam e desprezam o significado das mesmas, de modo que a regeneração

*Encontramos menor
perigo em tais
noções extravagantes
do que naquelas
que são mais sutis
e sofisticadas.*

se torna uma simples aplicação de um rito externo ou uma persuasão da mente afetada de maneira comum, que resulta em uma reforma da moralidade.

Esclarecer o erro ajuda-nos a compreender a verdade. De maneira abreviada, consideraremos alguns conceitos errados sobre a regeneração e, em seguida, mostraremos o que significa ser nascido de Deus.

Não preciso gastar muito tempo esforçando-me para demonstrar que o batismo não é regeneração. Nada é tão evidente quanto o fato de que um rito exterior não pode mudar o coração. O batismo é apenas um sinal ou símbolo das salvadoras influências do Espírito Santo, e não a obra de regeneração. Tanto a Escritura quanto a experiência mostram que nem todas as pessoas batizadas são regeneradas, pois algumas delas em suas vidas e conversas não diferem do “mundo”, que “jaz no Maligno”. Quanto a isto, precisamos apenas citar as palavras de um eminente teólogo inglês: “O ensino da regeneração através do batismo é a completa rejeição e desprezo da graça de nosso Senhor Jesus Cristo”; e acrescentou: “A vaidade desta presunção tola destrói a graça do evangelho; é uma presunção forjada para apoiar os homens em seus pecados e ocultar-lhes a necessidade de nascerem de novo e de se converterem a Deus. Entretanto, irmãos amados, não foi assim que aprendemos de Cristo”.

O absurdo de alterar assim o verdadeiro ensino sobre a regeneração e outras doutrinas semelhantes é tão palpável e grotesco, que pode ser detectado e percebido onde existe

qualquer grau de conhecimento acerca da natureza da vida espiritual. Encontramos menor perigo em tais noções extravagantes do que naquelas que são mais sutis e sofisticadas.

Pelágio, no século IV, inventou e advogou um esquema de regeneração que, com poucas modificações, às vezes na fraseologia ou no acréscimo e diminuição de algumas partes, tem sido o método de quase todos os sectários, os quais se apartaram dos ensinamentos ortodoxos do evangelho. Em épocas diferentes, autores têm surgido em diversos países, levando adiante este ilusório ensino sobre o novo nascimento em termos elaborados por eles mesmos. E muitos que lêem seus escritos de maneira superficial têm sido enganados, acreditando neste falso conceito. O fato é que quase todo o sistema de ensinamentos fundamentado em noções obscuras e inadequadas sobre este importante assunto da regeneração é apenas um reflexo da heresia de Pelágio, universalmente condenada pela igreja dos primeiros séculos, que agora se apresenta em nova roupagem e, para assegurar sua aceitação, segue os padrões do mundo moderno.

Os principais aspectos do ensino de Pelágio e Armínio (ambos, em essência, ensinaram as mesmas coisas) são estes:

1. Deus não somente proclama e oferece de maneira semelhante a graça e a salvação a todos os homens, mas também o Espírito Santo é derramado de modo suficiente e igual sobre todos eles, para garantir-lhes a salvação, contanto que se

- proveitem dos benefícios que lhes são concedidos;
2. Os preceitos e promessas do evangelho, além de serem bons e desejáveis em si mesmos, são tão adaptados à mente do homem natural e aos interesses da humanidade, que estes se inclinam a recebê-los, a menos que sejam vencidos pelo preconceito e por uma vida habitual no pecado.
 3. Pensar sobre as ameaças e promessas do evangelho é suficiente para remover os preconceitos e levar a pessoa a deixar a vida no pecado.
 4. Aqueles que meditam com seriedade e consertam suas vidas têm a promessa do Espírito Santo e recebem direito para desfrutarem os benefícios da nova aliança.

Esta irreal declaração de princípios fundamentais, capaz de convencer mentes que não ponderam sobre estes assuntos, anula a própria essência da verdade do evangelho. Este sistema de doutrina preceitua que todos os homens são regenerados de igual modo, possuem a mesma medida do Espírito, e a diferença entre um e outro encontra-se totalmente em si mesmos, dependendo da maneira como eles se beneficiam das bênçãos outorgadas. Neste caso, regeneração significa uma reforma na vida, induzida por meio de persuasão moral ou iniciada como

É uma grande pedra de tropeço, para muitos, o fato de que Deus outorga do seu Espírito mais para uma pessoa do que para outras.

resultado de ser iluminado o entendimento e as emoções serem comovidas exclusivamente por meio da verdade divina. Se indagarmos de que modo neste sistema de doutrina a salvação resulta da graça divina, a resposta é que todos os meios de alguém se beneficiar das bênçãos recebidas são concedidos por Deus e, por conseguinte, constituem a graça.

Todo este sistema de doutrina resume-se no seguinte: Deus outorga as capacidades e a graça a todos os homens de maneira semelhante; e, tendo sido estas outorgadas, eles trabalham por sua própria salvação, sendo persuadidos a fazer isso por meio das promessas e ameaças do evangelho. A terrível ilusão causada por esse tipo de doutrina resulta de sua plausibilidade — tem aparência de verdade, mas está repleta de erros graves e perigosos.

Não tenho dúvidas de que o Espírito Santo utiliza-se da Palavra e de muitos outros instrumentos para trazer os pecadores a Cristo. Mas afirmar que os homens são naturalmente inclinados a aprovarem e obedecerem os preceitos do evangelho, exceto quando algum tipo específico de pecado os impede, isso claramente contradiz o evangelho. Pelo contrário, como princípio fundamental o evangelho revela que todos os homens, por natureza, são filhos da ira e cegos no que se refere à luz da verdade divina; estão em inimizade com Deus e mortos em ofensas e

pecados. A idéia de que o Espírito Santo é conferido a todos, de maneira suficiente para salvá-los, anula o conceito da graça especial e torna nascidos de Deus tanto uns quanto outros! O texto bíblico citado no início afirma que todos quantos receberam a Cristo e creram em seu nome foram nascidos de Deus. Se isto

é verdade, outros que não O receberam não foram nascidos de Deus; portanto, não podemos dizer que as influências do Espírito são iguais para todos.

É uma grande pedra de tropeço, para muitos, o fato de que Deus outorga do seu Espírito mais para uma pessoa do que para outras. A fim de remover este preconceito, Pelágio e muitos depois dele têm sustentado o ensino de que todos os homens recebem os mesmos dons, para labutarem em favor de sua própria salvação. É lógico que tal ensino destrói o novo nascimento e o torna comum a todos os homens. De acordo com este ensino, Judas Iscariotes recebeu tanto da graça divina quanto o apóstolo Paulo; Acabe se vendeu à impiedade, mas o mesmo poderia ter feito Davi, o homem segundo o coração de Deus. Toda a diferença entre os homens deve-se a maneira diferente como eles se aproveitam de seus privilégios.

Sei que esse tipo de doutrina agrada a natureza caída; e a aceitação que ela tem desfrutado desde que foi pregada pela primeira vez comprova quão agradável é ao raciocínio do homem natural. Porém, nem as Es-

crituras nem a experiência nos oferecem qualquer razão para crermos nessa doutrina. Não duvido que o Espírito Santo luta com todos os homens que não estão condenados.

A persuasão não é capaz de fazer novas criaturas.

Reconheço que as ameaças e promessas do evangelho seriam suficientes para persuadir-nos a um viver santo, se nosso entendimento não estives-

se obscurecido e nossas afeições não fossem depravadas. Entretanto, nego que a graça comum a todos nos torna filhos de Deus, ou que somos persuadidos a nos tornarmos cristãos sem haver uma especial realização divina; ou que todos os homens recebem a mesma medida do Espírito Santo.

Apesar de todos os meios preparatórios, todas as ameaças e promessas do evangelho, todas as atividades da graça comum e todos os esforços dos pecadores não-regenerados, eles precisam nascer de novo para que se tornem filhos de Deus. É necessário que ocorra uma nova criação, uma obra realizada pelo Todo-poderoso em “uma atividade soberana, especial e sobrenatural”, à semelhança da criação do mundo ou do ressuscitar um morto, pois sem esta grandiosa realização ninguém pode ver o reino de Deus. A persuasão não é capaz de fazer novas criaturas. Se o Espírito Santo opera nas mentes dos homens somente por meio de apresentar-lhes os argumentos e motivos mais diversos e mais adequados para a sua conversão, afinal de contas a vontade do homem determinará se ele será regenerado ou não. Nesse tipo de ensino, a glória

da regeneração pertenceria a nós mesmos. Também não haveria certeza se Cristo teria qualquer descendência espiritual, visto que dependeria da incerta resolução de cada pessoa diante da qual os motivos foram colocados. Isto contradiz as Escrituras. Deus não limita as realizações de seu Espírito à apresentação de motivos persuasivos diante dos homens, pois “apresentar-se-á voluntariamente o teu povo, no dia do teu poder” (Sl 110.3).

A persuasão moral que oferece uma vida melhor não outorga qualquer poder supernatural à alma, a fim de que esta seja capacitada a viver. A persuasão não produz novo interesse e discernimento espiritual. Se a regeneração acontece desta maneira, então o homem regenera a si mesmo, nasce de novo por si mesmo, tornando a si mesmo diferente dos outros homens. Se assim fosse, o Espírito Santo não teria mais a realizar do que fizeram Paulo e Apolo.

Não é por esse tipo de coisa que oramos: não oramos para que os motivos corretos sejam apresentados aos homens, para que regenerem a si mesmos. Oramos para que Deus mude os seus corações e os torne novas criaturas. As igrejas primitivas que sentiam intensas pressões externas invocavam esta súplica sobre os hereges, que negavam o exercício de um poder sobrenatural na regeneração.

Existe apenas uma maneira de uma pessoa morta em seus delitos e pecados ressurgir para a vida: por meio do poder de Deus que a vivifica e faz nascer de novo. Observe a linguagem que os escritores sagrados

utilizaram para transmitirem este conceito: nascer de Deus, gerado de Deus, vivificar, receber vida e nascer de novo. Se disserem que esta linguagem é figurada, eu concordo. Mas, se encontramos qualquer significado nestas figuras, então a obra de regeneração fala do começo de uma nova existência espiritual. De outro modo, a linguagem das Escrituras, em todos os seus livros, é a mais obscura, imaginária e sem significado.

Você pode supor todas as preparações, conhecimento, motivos, moralidade, esforços que lhe convier; mas, apesar de tudo isso, repetimos, é necessário que aconteça o novo nascimento (os mortos precisam ser vivificados), pois os crentes são nascidos de Deus. O mesmo poder que ressuscitou Cristo dentre os mortos, o supremo poder do Deus vivo tem de realizar esta obra. Essa foi a súplica do apóstolo: que conheçamos “qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder, o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos” (Ef 1.19-20).

Na verdade, meus amigos, onde mais podemos encontrar a fonte de uma mudança que nos torna verdadeiros cristãos e nos traz da morte para a vida, senão na onipotência do Espírito Santo? É nosso entendimento que realiza esta mudança? Mas nosso entendimento está em trevas — “Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus... e não pode entendê-las” (1 Co 2.14). É a nossa vontade? Somos inclinados para o mal, assim como dois e dois são

quatro. Nossas vontades são perversas e rebeldes. É o nosso poder? Cristo morreu pelos ímpios, que estão sem poder. Não somos capazes em nós mesmos de ter bons pensamentos. São os nossos méritos que realizam esta mudança? Não merecemos nada, exceto a condenação. São os ministros de Deus que nos convencem? Alguns podem semear a Palavra, e outros, regá-la, mas a germinação é realizada por Deus.

Todos os esforços têm sido realizados pela ingenuidade humana, mediante doutrinas claramente errôneas ou aparentemente plausíveis, a fim de retirar do Espírito Santo a glória da obra de regeneração e levar o homem a reivindicar esta realização para si mesmo ou, pelo menos, a compartilhar da honra. No entanto, a origem da regeneração se encontra somente na livre e soberana graça do todo-poderoso poder de Deus. A regeneração é uma obra totalmente divina; a glória, portanto, tem de pertencer e pertencerá para sempre a Deus.

Uma doutrina sustentada pelos grandes mestres da Reforma e pelas igrejas evangélicas desde então é que a regeneração é uma obra física. Com isto eles queriam dizer que havia realmente uma nova criação, tão absoluta quanto a criação do mundo; um novo interesse, princípio e discernimento espiritual é implantado por meio de uma soberana obra criadora

da parte de Deus e não simplesmente um novo direcionamento de velhas capacidades.

Uma vez que esta obra é reconhecida, todas as demais doutrinas que constituem a verdade evangélica fluem dela: as doutrinas da graça, a soberania de Deus, a eleição, a redenção somente por meio de Cristo, a depravação humana e outras a estas relacionadas. Existe um grande, harmonioso e perfeito conjunto de doutrinas, e Deus é a essência e a glória de todas elas.

Meus amigos, estou plenamente certo de que existem dificuldades nas doutrinas que acabamos de apresentar. Mas a Bíblia fundamenta todas elas; isto é o bastante. Diante da nossa compreensão carnal tem de se prostrar e nossos corações, submeterem-se. Se você mudar estas verdades, utilizando idéias misteriosas, conceitos inúteis ou inconsistências, será assaltado não pelos ho-

mens, e sim pelo próprio Deus. Leia e atente aos ensinamentos da Palavra de Deus. Ela afirma permanentemente, em caracteres reluzentes: “Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1.13).

Existe apenas um tipo de nascimento que pode nos preparar para o céu: “Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3). Podemos atender à nossa

*A origem da
regeneração se
encontra somente
na livre e soberana
graça do todo-
poderoso poder de
Deus.*

imaginação e satisfazer nossa justiça-própria, ao adotarmos os vagos conceitos pelagianos a respeito deste assunto; podemos protestar contra a absoluta dependência da graça de Deus, conforme demonstramos; mas perceberemos que um novo coração e um espírito de retidão são absolutamente necessários, pois sem eles pereceremos eternamente.

Asahel Nettleton (1783-1844) — Logo após sua conversão, Nettleton decidiu que serviria ao Senhor nos campos missionários, mas Deus tinha outros planos. Nettleton entrou na Universidade Yale em 1805 e formou-se em 1809. Ele tinha um intenso amor por Cristo e pelos perdidos.

Após estudar sob a orientação do Rev. Bezaleel Pinneo, de Connecticut, Nettleton começou seu ministério itinerante. Nesta época, muitos excessos e divisões estavam surgindo como resultado do Grande Avivamento. Após estudar as causas e os efeitos das numerosas desordens, ele adotou uma postura saudável para si

mesmo e seu ministério. Desde o início de seu trabalho, Deus abençoou sua pregação com glorioso poder, e ocorreram vários avivamentos. Em 1817, ele foi ordenado evangelista congregacional. Foi um dos mais sábios e cautelosos evangelistas itinerantes que já abençoaram os Estados Unidos. Sua teologia estava em completa harmonia com a de homens piedosos que o precederam nas igrejas congregacionais e presbiterianas de seu país.

Francis Wayland, pastor da Primeira Igreja Batista de Boston e presidente da Universidade Brown, em cujo tempo um grande avivamento religioso aconteceu sob a influência da pregação de Nettleton, descreveu-o assim: “Ele é um dos mais eficientes pregadores que já conheci. Ele conseguia fazer que a lógica assumisse uma forma atraente e produzisse efeitos decisivos. Quando Nettleton argumentava sobre grandes doutrinas, tais como as da carta aos Romanos: eleição, completa depravação do homem, a necessidade de regeneração e de expiação dos pecados, seu estilo de pregar com frequência era socrático”.

A mudança de coração de um homem é um milagre tão grande quanto qualquer milagre realizado por Jesus, na terra.

Joseph Wilson

Uma Palavra aos Pais

A. W. Pink

Uma das mais infelizes e trágicas características de nossa civilização é a excessiva desobediência aos pais da parte dos filhos, quando menores, e a falta de reverência e respeito, quando grandes. Infelizmente, isto se evidencia de muitas maneiras inclusive em famílias cristãs. Em nossas abundantes viagens nestes últimos trinta anos, fomos recebidos em muitos lares. A piedade e a beleza de alguns deles ainda permanecem em nossos corações como agradáveis e singelas recordações. Outros lares, porém, nos transmitiram as mais dolorosas impressões. Os filhos obstinados ou mimados não apenas trazem para si mesmos perpétua infelicidade, mas também causam desconforto para todos que se relacionam com eles e prenunciam coisas ruins para os dias vindouros.

Na maioria dos casos, os filhos são menos culpados do que seus pais. A falta de honra aos pais, onde quer que a achemos, deve-se em grande

medida aos pais afastarem-se do padrão das Escrituras. Atualmente, o pai imagina que cumpre suas obrigações ao fornecer alimento e vestuário para os filhos e, ocasionalmente, ao agir como um tipo de policial de moralidade. Com muita freqüência, a mãe se contenta em desempenhar a função de uma criada doméstica, tornando-se escrava dos filhos, realizando várias tarefas que estes poderiam fazer, para deixá-los livres em atividades frívolas, ao invés de treiná-los a serem pessoas úteis. A conseqüência tem sido que o lar, o qual deveria ser — por causa de sua ordem, santidade e amor — uma miniatura do céu, degenerou-se em “um ponto de parada para o dia e um estacionamento para a noite”, conforme alguém sucintamente afirmou.

Antes de esboçarmos os deveres dos pais em relação aos filhos, devemos ressaltar que eles não podem disciplinar adequadamente seus filhos, a menos que primeiramente

tenham aprendido a governar a si mesmos. Como podem eles esperar que a obstinação de suas crianças sejam dominadas e controladas as manifestações de ira, se eles mesmos dão livre curso à seus próprios sentimentos. O caráter dos pais é amplamente reproduzido em seus descendentes. *“Viveu Adão cento e trinta anos, e gerou um filho à sua semelhança, conforme a sua imagem”* (Gn 5.3). Os pais devem eles mesmos viver

em submissão a Deus, se desejam obediência da parte de seus filhos. Este princípio é enfatizado muitas e muitas vezes nas Escrituras. *“Tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo?”* (Rm 2.21). A respeito do pastor ou presbítero da igreja está escrito que ele tem de ser alguém *“que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?)”* (1 Tm 3.5). E, se um homem ou uma mulher não sabem como dominar seu próprio espírito (Pv 25.28), como poderão cuidar de seus filhos?

Deus confiou aos pais um solene e valoroso privilégio. Não exageramos ao afirmar que em suas mãos estão depositadas a esperança e a bênção ou a maldição e a ruína da próxima geração. Suas famílias são os berçários da Igreja e do Estado, e, de acordo com o que agora cultivam, tais serão os frutos que colherão posteriormente. Eles deveriam cum-

prir seu privilégio com bastante diligência e oração. Com certeza, Deus lhes pedirá contas referentes à maneira de criarem seus filhos, que a Ele pertencem, sendo-lhes confiados para receberem cuidado e preservação. A tarefa que Deus confiou aos pais não

é fácil, em especial nestes dias excessivamente maus. Entretanto, poderão obter a graça de Deus, se a buscarem com sinceridade e confiança. As Escrituras nos fornecem as regras pelas quais

devemos viver, as promessas das quais temos de nos apropriar e, precisamos acrescentar, as terríveis advertências, para que não realizemos essa tarefa de maneira leviana.

Instrua seu filho

Queremos mencionar aqui quatro dos principais deveres confiados aos pais. Primeiro, **instruir seus filhos**. *“Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te”* (Dt 6.6-7). Este dever é sobretudo importante para ser transferido aos outros; Deus exige dos pais, e não dos professores da Escola Dominical, a responsabilidade de educarem seus filhos. Também essa tarefa deve ser realizada de maneira esporádica ou ocasional, mas precisa receber constante atenção. O glorioso caráter de Deus, as exigências de sua lei, a excessiva

Os pais devem eles mesmos viver em submissão a Deus, se desejam obediência da parte de seus filhos.

malignidade do homem, o maravilhoso dom de seu Filho e a terrível condenação que será a recompensa de todos aqueles que O desprezam e rejeitam — estas coisas precisam ser apresentadas constantemente aos filhos. “Eles são pequenos demais para entendê-las” é o argumento de Satanás, visando impedir os pais de cumprirem seu dever.

“E vós, pais, não provoquéis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6.4). Temos de observar que os “pais” são especificamente mencionados neste versículo, por duas razões: eles são os cabeças das famílias e o governo desta lhes foi confiado; os pais são inclinados a transferir sua responsabilidade às esposas. Essa instrução deve ser ministrada através da leitura da Bíblia e de explicar aos filhos as coisas adequadas à sua idade. Isto deveria ser acompanhado de ensinar-lhes um catecismo. Um constante falar aos mais novos não se mostra tão eficiente quanto a diversificação com perguntas e respostas. Se nossos filhos sabem que serão questionados após ou durante a leitura bíblica, ouvirão mais atentamente: fazer perguntas os ensina a pensarem por si mesmos. Este método também leva a memória a reter mais os ensinamentos, pois o responder perguntas definidas fixa idéias específicas em nossas mentes. Observe quantas vezes Jesus fez perguntas aos seus discípulos.

Seja um bom exemplo

Segundo, boas instruções precisam ser acompanhadas de bons

exemplos. O ensino proveniente apenas dos lábios provavelmente será ineficaz. Os filhos são espertíssimos em detectar inconsistências e rejeitar a hipocrisia. Neste aspecto, os pais precisam humilhar-se diante de Deus, buscando todos os dias a graça que desesperadamente necessitam e somente Ele pode dar. Que cuidado eles precisam ter, para que diante de suas crianças não digam e façam coisas que tendem a corromper suas mentes ou produzam más conseqüências, se elas as imitarem! Os pais necessitam estar constantemente alertas contra aquilo que pode torná-los desprezíveis aos olhos daqueles que deveriam respeitá-los e honrá-los. Não apenas devem instruir seus filhos no caminho da santidade, mas eles mesmos devem andar neste caminho, mostrando por sua prática e conduta quão agradável e proveitoso é ser orientado pela lei de Deus.

No lar de pessoas crentes, o supremo alvo deve ser a piedade familiar — honrar a Deus em todas as ocasiões —, e as outras coisas, subordinadas a este alvo. Quanto à vida familiar, nem o esposo nem a esposa deve transferir para o outro toda a responsabilidade pelo aspecto espiritual da vida da família. A mãe com certeza tem a incumbência de suplementar os esforços do pai, pois os filhos desfrutam mais de sua companhia. Se existe a tendência de os pais serem muito rígidos e severos, as mães são propensas a serem muito brandas e clementes; portanto, têm de vigiar mais contra qualquer coisa que enfraquecerá a autoridade do pai. Quando este proibir alguma

coisa, ela não deve consenti-la às crianças. É admirável observar que a exortação dada em Efésios 6.4 é precedida por *“Enchei-vos do Espírito”* (Ef 5.18); enquanto a exortação correspondente em Colossenses 3.21 é precedida por *“habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo”* (v. 16), demonstrando que os pais não podem cumprir seus deveres, a menos que estejam cheios do Espírito Santo e da Palavra de Deus.

Discipline seu filho

Terceiro, a instrução e o exemplo precisam ser reforçados mediante a correção e a disciplina. Antes de tudo, isto implica no exercício de autoridade — a correta aplicação da lei divina. A respeito de Abraão, o pai dos fiéis, Deus afirmou: *“Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito”* (Gn 18.19). Pais crentes, meditem estas palavras com cuidado. Abraão fez mais do que simplesmente dar conselhos: ele ensinou com vigor a lei de Deus e ordenou sua casa. As regras com que ele administrou seu lar tinham o objetivo de seus filhos guardarem “o caminho do SENHOR” — aquilo que era correto aos olhos de Deus. Este dever foi cumprido pelo patriarca a fim de que a bênção de Deus estivesse sobre sua família. Nenhuma família pode crescer adequadamente sem leis familiares, que incluem recompensas e castigos. Isto é espe-

cialmente importante na primeira infância, quando ainda o caráter moral não está formado e as crianças não apreciam ou entendem seus motivos morais.

As regras devem ser simples, claras, lógicas e flexíveis, tais como os Dez Mandamentos — poucas mas relevantes regras morais, ao invés de centenas de restrições insignificantes. Uma das maneiras de provocarmos desnecessariamente nossos filhos à ira é atrapalhá-los com muitas restrições insignificantes e regras detalhadas e arbitrárias, procedentes de pais perfeccionistas. É de vital importância para o bom futuro dos filhos que estes sejam trazidos em submissão desde cedo. Uma criança malcriada representa um adulto ímpio — nossas prisões estão superlotadas com pessoas que tiveram a liberdade de seguirem seus próprios caminhos durante sua infância. A mais leve ofensa de uma criança quebrando as regras do lar não deve ficar sem a devida correção; pois, se ela achar clemência ao transgredir uma regra, esperará a mesma clemência em relação a outras ofensas, e sua desobediência se tornará mais freqüente, até que os pais não tenham mais controle, exceto através do exercício de força brutal.

O ensino das Escrituras é claro quanto a este assunto. *“A estultícia está ligada ao coração da criança, mas a vara da disciplina a afastará dela”* (Pv 22.15; ver também 23.13-14). Por isso, Deus afirmou: *“O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que o ama, cedo, o disciplina”* (Pv 13.24). E, ainda: *“Castiga a teu filho, enquanto há esperança, mas*

não te excedas a ponto de matá-lo” (Pv 19.18). Não permita que uma afeição insensata o impeça de cumprir seu dever. Com certeza, Deus ama seus filhos com um sentimento paternal mais profundo do que você ama seus filhos, mas Ele nos diz: *“Eu repreendo e disciplino a quantos amo”* (Ap 3.19; cf. Hb 12.6). *“A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe”* (Pv 29.15). A severidade

tem de ser utilizada nos primeiros anos de uma criança, antes que a idade e a obstinação endureçam-na contra o temor e a pungência da correção. Poupe a vara e você arruinará seu filho; não a utilize e terá de sofrer as conseqüências.

É quase desnecessário salientar que as Escrituras citadas anteriormente não têm o propósito de incutir-nos a idéia de que nosso lar deve ser caracterizado por um reino de terror. Os filhos podem ser governados e disciplinados de tal maneira, que não percam o respeito e as afeições por seus pais. Estejamos atentos para não estragarmos seus temperamentos, por fazermos exigências ilógicas, e provocá-los à ira, por castigá-los expressando nossa própria ira. O pai têm de punir um filho desobediente não porque ficou bravo, e sim porque é correto fazer isso — Deus o exige, bem como a rebeldia de seu filho. Nunca faça uma ameaça, se não ten-

ção cumpri-la. Lembre que estar bem informado é bom para seu filho, mas ser bem controlado é ainda melhor.

Esteja atento às inconscientes influências que cercam seu filho. Estude meios para tornar seu lar atraente, não pela utilização de recursos carnis e mundanos, mas por servir-se de ideais nobres, por incutir-lhes um espírito de altruísmo e desenvolver uma comu-

nidade agradável e feliz. Não permita que seus filhos se associem a más companhias. Verifique cautelosamente as revistas e livros que entram em seu lar, observe os amigos que ocasionalmente seus filhos convidam para vir ao lar e as amizades que eles estabelecem. Antes mesmo de o reconhecerem, muitos pais permitem seus filhos relacionarem-se com pessoas que arruinam a autoridade paternal, transtornam seus ideais e semeiam frivolidade e pecado.

Ore por seus filhos

Quarto, **o último e mais importante dever, no que se refere ao bem-estar físico e espiritual de seus filhos, é a intensa súplica a Deus em favor deles.** Sem isto, todos os outros deveres são ineficazes. Os meios são inúteis, exceto quando o Senhor os abençoa. O trono da graça tem de ser fervorosamente buscado, para que sejam coroados de sucesso

Os pais necessitam estar constantemente alertas contra aquilo que pode torná-los desprezíveis aos olhos daqueles que deveriam respeitá-los e honrá-los.

os nossos esforços em educar os filhos para a glória de Deus. É verdade que precisa haver uma humilde submissão à soberana vontade de Deus, um prostrar-se ante a verdade da eleição. Por outro lado, o privilégio da fé consiste em apropriar-se das promessas divinas e em recordar que a ardente e eficaz oração de um justo

produz muitos resultados. A Bíblia nos diz que o piedoso Jó “*chamava... a seus filhos e os santificava; levantava-se de madrugada e oferecia holocaustos segundo o número de todos eles*” (Jó 1.5). Uma atmosfera de oração deve permear o lar e ser respirada por todos os que dele compartilham.

A Luz Divina

Jonathan Edwards

Uma percepção da beleza de Cristo é o início da verdadeira fé salvadora em um autêntico convertido. Isso é bastante diferente de um vago sentimento de que Cristo ama e morreu por alguém. Esse tipo de sentimento impreciso pode causar alguma espécie de amor e regozijo, porque a pessoa sente gratidão apenas por ter escapado da condenação de seus pecados. De fato, tais sentimentos fundamentam-se no amor próprio, mas de maneira alguma no amor de Cristo. É triste o fato de que tantas pessoas têm sido enganadas por esta fé falsa. Por outro lado, um simples olhar à glória de Deus, na face de Cristo, produz no coração *um supremo e genuíno amor a Deus*. Isto acontece porque a luz divina revela a excelente amabilidade da natureza de Deus. Esse tipo de amor muito excede a qualquer coisa proveniente do amor próprio, que tanto os demônios quanto os homens podem ter. O verdadeiro amor a Deus, que resulta da percepção de sua beleza, causa um regozijo santo e espiritual na alma, um regozijo e exultação em Deus. Nisto, não existe qualquer exultação em nós mesmos, e sim apenas nEle.

A percepção da beleza das coisas divinas causará verdadeiros desejos pelas coisas de Deus. Tais desejos diferem dos desejos dos demônios, que resultam do conhecimento que estes possuem da condenação que os aguarda, e almejam que de alguma maneira isto não aconteça. Os desejos que resultam da genuína percepção da beleza de Cristo fluem naturalmente, assim como uma criança deseja o leite. Por serem diferentes de suas imitações, tais desejos ajudam-nos a fazer distinção entre as verdadeiras e as falsas experiências da graça de Deus.

O Arrependimento Ineficaz

Jim Ellif

O crente em Cristo é uma pessoa que se arrepende durante toda a sua vida. Ele começa e continua a vida cristã com arrependimento (ver Rm 8.12-13). O rei Davi cometeu graves pecados, mas, diante da repreensão do profeta, sentiu-se abastado, porque era uma pessoa que se arrependia de todo coração (2 Sm 12.7-13). Pedro negou a Cristo três vezes, porém sentiu remorsos por três vezes, até que se arrependeu chorando amargamente (Mt 26.75). Todo crente é chamado de “penitente”; todavia, ele tem de ser um “penitente” que se arrepende constantemente. Em suas instruções referentes a disciplina da igreja, a Bíblia pressupõe que todos os verdadeiros crentes possuem uma natureza caracterizada por arrependimento. Alguém que demonstra indisposição para arrepender-se diante da amável disciplina da igreja deve ser considerado “gentio e publicano” (Mt 18.17).

O que significa arrependimento?

Arrependimento é uma mudança na maneira de pensar em relação a Deus e ao pecado; é uma conversão íntima do pecado para Deus, uma conversão conhecida pelo seu fruto — a obediência (Mt 3.8; At 26.20; Lc 13.5-9). Arrependimento significa odiar aquilo que antes amávamos e amar aquilo que antes odiávamos, significa uma mudança de caminho, do irresistível pecado para o irresistível Cristo. A pessoa que verdadeiramente se arrependeu é levada a depender de Deus. A fé é sua única opção. Quando ela reconhece que o pecado a fez tropeçar, Deus a levanta (Mt 9.13b). O arrependido terá confiança em Deus ou sentirá desespero. A convicção de seu pecado ou o libertará, ou o consumirá.

O religioso freqüentemente se ilude em seu arrependimento. O

crente pode até cometer um pecado gravíssimo, mas permanecer deitando-se no pecado e achar confortável o ambiente do pecado é um sinal mortífero, pois no céu só existem penitentes. Se pudesse, aquele que ilude a si mesmo quanto ao arrependimento poderia considerar-se o pior dos pecadores, mas a sociedade não o permite.

Ele pode tolerar e mesmo ter comunhão com aqueles que professam ser crentes e pastores mundanos, mas não deseja a comunhão santa ou o fervor da adoração santa. Se

ele não tolera permanecer no culto por alguns minutos, considerando-o demorado, como ele se sentirá durante algumas miríades de anos na eterna adoração, no céu? Ele deseja um céu de facilidade e recreação, equivalente a férias contínuas. Mas um céu de santidade seria um inferno para esse tipo de pessoa. No entanto, Deus é santo e está no céu. Ele não pode ser culpado por mandar o ímpio para o inferno, apesar de sua mais habilidosa confissão de ser crente (Hb 12.14).

Quais os substitutos do verdadeiro arrependimento?

1. Você pode reformar suas atitudes sem o arrependimento no coração (Sl 51.16-17; J1 2.13).

Isto é uma grande ilusão, visto que o amor ao pecado ainda permanece no íntimo de tal pessoa (1 Jo 2.15-17; At 8.9-24). Os fariseus

eram hábeis nesse tipo de arrependimento (Mc 7.1-23). O problema do homem é o seu próprio coração. Uma pessoa pode demonstrar retidão em seu comportamento e estar condenada por causa de atitudes de seu coração e por causa de ações hipócritas que têm o objetivo de satisfazer a si mesma. Aquilo que

procede de um coração perverso jamais é bom. “Acaso, pode a fonte jorrar do mesmo lugar o que é doce e o que é amargoso? Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas ou a videi-

ra, figos? Tampouco a fonte de água salgada pode dar água doce” (Tg 3.11-12).

2. Você pode sentir a emoção do arrependimento sem possuir o efeito do verdadeiro arrependimento.

Isso é um tipo de amnésia. Apavorado, o pecador contempla-se no espelho, mas logo se retira, esquecendo-se do tipo de pessoa que ali contemplou (Tg 1.23-24). É verdade que o arrependimento inclui emoções sinceras, afeições para com Deus e ódio ao pecado. Intensa tristeza pode, com razão, fluir do íntimo do pecador (Tg 4.8-10). Porém, existe uma emoção temporária naquilo que se parece com o arrependimento; esta emoção, sendo de pouca duração, é incapaz de manter um comportamento de retidão na longa jornada da obediência. Sua tristeza talvez até permaneça por bastante tempo;

*Arrependimento
significa odiar aquilo
que antes amávamos
e amar aquilo que
antes odiávamos,*

porém, se não chega ao arrependimento, é uma tristeza segundo o mundo, é uma morte viva ou algo pior do que isso (2 Co 7.10); é a uma velha ilusão. Judas sentiu esse tipo de tristeza, mas “retirou-se e foi enforçar-se (Mt 27.5).

3. Você pode confessar os termos de um verdadeiro arrependimento e jamais arrepender-se (Mt 21.28-32; 1 Jo 2.4; 4.20).

A confissão por si mesma não equivale ao arrependimento. Pode ser apenas movimentação dos lábios; o verdadeiro arrependimento move o coração. Reconhecer um hábito como pecaminoso aos olhos de Deus não é o mesmo que abandoná-lo. Embora sua confissão seja honesta e emocional, não será suficiente, se manifestar apenas fingimento e não uma verdadeira mudança de coração. Existem pessoas que confessam ter-se arrependido somente por exibição, pessoas cujo arrependimento é apenas teatral mas não autêntico. Se você demonstra ter-se arrependido apenas para ter uma vida de sucesso, não será bem-sucedido em seu arrependimento. Sua confissão humilde se tornará em pecado de arrogância. Saul fez uma confissão exemplar (1 Sm 15.24-26); no entanto, após sua morte foi para o inferno. Arrepender-se somente “da boca para fora” não é o verdadeiro arrependimento.

4. Você pode arrepender-se por medo do juízo e não por odiar o pecado.

Qualquer pessoa tende a deixar de pecar, quando é apanhada no pecado ou está relativamente certa

de ser apanhada, a menos que haja insuficiente punição e vergonha associadas com o pecado (2 Tm 1.8-11). Quando existem prejuízos suficientes para atrair-lhe a atenção, ela corrigirá seu comportamento. Se este é todo o motivo de seu arrependimento, tal pessoa realmente não se arrependeu. Isto é uma obra da lei, mas não da graça. As pessoas podem ser controladas pelo temor, mas o que Deus exige é uma mudança de coração. Acã admitiu seu pecado, após ter sido apanhado nele, mas, de outra forma, não teria se arrependido. Seus ossos se encontram no vale de Acor; sua alma, com muita probabilidade, está no inferno (Js 7.16-26).

5. Você pode falar publicamente contra o pecado, à semelhança de alguém verdadeiramente arrependido, sem jamais ter se arrependido no íntimo (Mt 23.1-3).

Seus lábios não podem mudar-lhe o coração. Seu pecado é semelhante a uma prostituta. Em público, você fala contra ela; porém, a abraça em seu quarto. Ela não se importa em ser combatida publicamente, se em secreto pode conquistar toda a sua atenção. “Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus” (Tg 4.4).

6. Você pode arrepender-se fundamentalmente por causa de benefícios temporais e não por causa da glória de Deus.

Para aqueles que se arrependem

existem benefícios, porém o egoísmo não pode ser a motivação final do verdadeiro arrependimento. O egoísmo é uma carcaça sem vida e fétida que precisa ser jogada fora. Você deve se arrepender, porque Deus é nossa reverente e digna autoridade, mesmo que não obtenhamos qualquer benefício. De fato, nosso arrependimento pode aparentar trazer-nos mais perdas do que os ganhos adquiridos em nosso pecado (Mt 16.24-26; Fp 3.7-8). Isto é prova do verdadeiro arrependimento.

7. Você pode arrepender-se de pecados menores com o propósito de evitar os maiores (Lc 11.42).

Procuramos acalmar nossas consciências praticando algum tipo de pequeno arrependimento, que na verdade não significa arrependimento algum.

Quando ocorre o verdadeiro arrependimento, todo o coração da pessoa é transformado. Aquele que se arrepende somente pela metade é um homem de coração dividido: parte de si é favorável ao pecado; outra parte, contra este. Uma parte está a favor de Cristo; outra se opõe a Ele. Porém, uma das partes tem de vencer, pois o homem não pode servir a Deus, às riquezas ou a qualquer outro ídolo. O homem amará a um e odiará o outro (Mt 6.24).

8. Você pode arrepender-se de

pecados genéricos e não de pecados específicos.

A pessoa que se arrepende de generalidades provavelmente está encobrindo seus pecados (Pv 28.13).

Se não existe mudanças específicas, não ocorre arrependimento algum. O pecado tem muitas cabeças, assim como a mitológica Hidra. Não podemos lidar com elas de maneira genérica; precisamos aniquilá-las uma a uma.

*É verdade que o
arrependimento
inclui
emoções sinceras,
afeições para
com Deus e
ódio ao pecado.*

9. Você pode arrepender-se por causa do amor aos amigos e líderes religiosos e não do amor a Deus (Is 1.10-17).

Uma pessoa levada ao arrependimento por amor aos amigos ou por respeito a religiosos pode mostrar mudanças, mas, na realidade, não ter feito nada substancial.

Se um homem converte-se do pecado sem voltar-se para Deus, descobrirá que seu pecado apenas recebeu outro nome, estando escondido por trás de seu orgulho. Agora será mais difícil desarraigá-lo por causa de seu subterfúgio. Você tem amado aos homens, não a Deus, e a si mesmo, antes de qualquer outra coisa. A esposa de Ló abandonou a cidade do pecado devido à insistência do anjo e ao amor à sua família, mas olhou para trás. Havia deixado seu coração em Sodoma. “Lembraivos da mulher de Ló” (Gn 19.12-26; Lc 17.32).

10. Você pode confessar que cometeu certos pecados no passado e não se arrepender do constante hábito de pecar.

Se um homem é sincero, ele é uma boa pessoa em termos humanos. No entanto, não será um homem que se arrependeu até que o pecado seja morto. Se quiser pertencer a Deus, você tem de aniquilar o pecado. “Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis” (Rm 8.13). Deus sabe o que você tem feito. O que Ele deseja é obediência (Lc 6.46).

11. Você pode tentar arrepender-se do pecado enquanto conscientemente deixa a porta aberta à ocasião de pecar.

É uma pessoa suspeita aquela que diz: “Eu me arrepenho” e não abandona a fonte ou o ambiente daquele pecado.

Embora não possamos mudar algumas situações que despertam a tentação, a maioria delas pode ser evitada. Aquele que não foge do ambiente de sua tentação ainda ama o pecado. Um rato tolo é aquele que faz sua morada debaixo da cama do gato. “Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências” (Rm 13.14).

12. Você pode esforçar-se para arrepender-se de alguns pecados

sem arrepender-se de todos os pecados que conhece.

O comerciante aprende a mostrar interesse pelas necessidades de seus clientes, porém esbofeteia a esposa por causa de alguma negligência. Outro dá ofertas à igreja, mas rouba o tempo de seu patrão todos os dias. Todos se orgulham de terem vencido algumas formas de pecado. Entretanto, o verdadeiro arrependimento considera todo pecado como repugnante. Aquele que verdadeiramente se arrependeu odeia o pecado, embora se envolva com mais facilidade em certo tipo de pecado do que em outro. Talvez ele desconheça todos os seus pecados; todavia, aqueles que reconhece, a estes odeia. O arrependimento é algo constante no crente; “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41).

O arrependimento e a fé andam juntos. O arrependido não tem esperanças de obedecer a Deus sem crer naquele que é a fonte de toda santidade, o próprio Deus. Ao arrepender-se de seus pecados, ele perde a auto-suficiência. Deus é o santificador (Jd 24-25; 1 Ts 5.23-24; 1 Pe 1.5). O arrependimento é um dom de Deus (At 11.19; 2 Tm 2.25) e um dever da parte do homem (At 17.30; Lc 13.3.). Você saberá se o arrependimento lhe foi outorgado através do praticá-lo (Fp 2.12-13). Não espere; busque-o urgentemente. “Sê, pois, zeloso e arrepende-te” (Ap 3.19). Procure com ardor o arrependimento e você o achará; esqueça-o e perecerá.

AIDS!

Uma Chamada ao Arrependimento

Conrad Mbewe

“Ou cuidais que aqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu vo-lo afirmo; mas, se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis.”
(Lucas 13.4-5)

Nosso interesse em notícias sobre calamidades

Se existe algo peculiar à raça humana é o nosso interesse por notícias. E, admiravelmente, as que mais despertam nossa atenção são as notícias sobre calamidades. Através do rádio, da televisão ou dos jornais, estamos constantemente ouvindo a respeito de milhares de pessoas que estão sendo mortas em diferentes partes do mundo. Um dos importantes assuntos de nossos jornais é a AIDS. A mídia não fala com tanta importância quanto deveria a respeito deste assunto; mas o Caderno Social é o primeiro que a maioria procura ler nos jornais, a fim de saber qual pessoa importante também adquiriu a doença. E, se você começa a perder peso, iniciam-se os boatos dizendo que você está com AIDS!

A tragédia de tudo isso não está no silêncio da mídia oficial, tam-

pouco na excitação da mídia popular, mas na incapacidade de se interpretar “a escritura na parede”¹. O que Deus está querendo nos dizer através do flagelo de AIDS? Parece que a maior parte das autoridades em AIDS está interpretando a “escritura na parede” no sentido de que todos devemos sempre ter preservativos conosco a vida toda ou no sentido de que o Estado deve fornecer gratuitamente milhares e milhares de preservativos, de modo que estes se tornem tão abundantes quanto a grama ao nosso redor. Esse tipo de interpretação errônea não é novidade. O Senhor Jesus Cristo abordou um erro semelhante em seus próprios dias, um erro descrito na passagem bíblica citada no início. Na interpretação dos discípulos, a tragédia mencionada naqueles versículos alcançou somente aqueles que avançaram muito em seu pecado. Esse tipo de interpretação também estava errada.

A AIDS é um julgamento, mas...

É verdade que o flagelo de AIDS, de alguma maneira, está relacionado com Deus. Ele mesmo disse: “Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o SENHOR, faço todas estas coisas” (Is 45.7).

Porém não é correto pensar que aqueles sobre os quais este flagelo vêm são mais ímpios do que os não atingidos por ele. Quando Deus envia julgamento sobre a terra, os inocentes também são destruídos nele. O dilúvio da época de Noé assolou inclusive aqueles que haviam acabado de nascer.

Quando Deus fez chover fogo e enxofre sobre Sodoma e Gomorra, Ele poupou os bebês? Portanto, não devemos pensar que são maiores pecadoras do que nós as pessoas cujas vidas estão sendo consumidas pela AIDS. Algumas delas estão indo para o sepulcro por causa da irresponsabilidade criminosa de seus cônjuges.

Uma correta interpretação da AIDS

O Senhor Jesus disse que a maneira correta de interpretarmos a “escritura na parede” é vê-la como uma chamada para que todos nos arrependamos. Ele afirmou: “Se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis”.

O fato de que este flagelo ainda não o apanhou indica que até agora

you está na época da graça de Deus. Não significa que você não é um pecador. Sempre que seus olhos virem alguém morrendo de AIDS, você deve afirmar: “Pela graça de Deus, não estou nesta situação”. O bondoso Deus ainda está lhe dando oportunidade para se arrepender de todos os seus pecados e experi-

mentar o perdão que Ele concede a todos os que crêem em seu Filho.

As calamidades têm o propósito de causar reflexão e levá-lo a meditar sobre como Deus vê a sua vida. Ele está

feliz com a sua maneira de viver?

As calamidades têm o propósito de causar reflexão e levá-lo a meditar sobre como Deus vê a sua vida.

A resposta é o arrependimento, e não preservativos

Enquanto a AIDS continua ceifando dezenas de milhares entre nós, não caímos na onda das campanhas dos preservativos. A “escritura na parede” não pode ser obscurecida por homens de negócio que desejam ganhar espaço no mercado, oferecendo-lhe seus invendáveis preservativos. Deus o está chamando a acertar a sua vida com Ele, antes que você também seja conduzido à eternidade. A morte está de espreita pelas ruas. Talvez você seja a próxima vítima. Esteja certo de que já está preparado para quando chegar a sua vez, quer seja por causa da AIDS, quer não. Reconheça e abandone seus caminhos pecaminosos. Não endureça seu coração. Em Cristo existe salvação plena e gratuita para todos

que vierem a Ele com verdadeiro arrependimento e fé. Amém!

Notas do Editor:

¹ Referência à “escritura na parede”, em Daniel 5.5, que comunicava uma mensagem de juízo da parte de Deus, embora não entendida pelos que a viram, até que Daniel

apresentou a devida interpretação.

² O pastor Conrad Mbewe reside e pastoreia na República de Zâmbia, país na África Meridional. Este país integra a região de maior incidência de vítimas da AIDS em todo o mundo. Alguns dos parentes do autor estão entre os vitimados. Sua igreja realiza um ministério específico dirigido aos doentes da AIDS e seus familiares.

Cristianismo Fácil

Samuel Waldron

“Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mt 7.13-14).

Existe um tipo de cristianismo, supostamente evangélico e fundamental, dedicado a tornar-se bastante agradável e popular, mesmo para frequentadores de igreja indiferentes e empedernidos. Fiel à sua missão, esse cristianismo desenvolveu uma série de doutrinas que são consistentes apenas em seu efeito comum de remover os incômodos e as exigências do verdadeiro cristianismo. Estas novas doutrinas são muito populares e amplamente aceitas. E por que não seriam? Elas favorecem a aversão natural que o homem demonstra para com o negar a si mesmo e, em especial, satisfazem o moderno culto do prazer.

Somente essas tendências arraigadas podem explicar a ilusão de que esse tipo de cristianismo é autêntico. O próprio Senhor Jesus nos advertiu sobre isso, ao mostrar que o verdadeiro cristianismo seria difícil e impopular (“estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” — Mt 7.14), enquanto sua imitação seria fácil, popular e condenatória (“larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela” — Mt 7.13). Seu cristianismo é genuíno? Ou, fácil, popular e condenatório?